

3 — CRÍTICA E CRIATIVIDADE

ERNEST WIDMER

Prof. Titular da UFBA.

1 — TÓPICOS DA EXPOSIÇÃO EM 6 "MOVIMENTOS":

1.1. *Introdução: Sostenuto*

Representando o HOMO LUDENS, sinto-me plenamente à vontade, especialmente no tocante à forma de minha exposição. Na verdade, não pode haver progresso, nem criação, nem relacionamentos profícuos quaisquer que sejam, sem postura crítica de todos os envolvidos. A crítica é a alavanca que permite aquele distanciamento necessário para que a criatividade se expanda.

Podemos observar que os maiores desafios resultam de choques entre o estabelecido e o que não. A própria institucionalização de um organismo, nascido espontaneamente, provoca até certo grau de isolamento, endurecimento e alienação e conseqüente disfunção.

Falo dos feudos. É compreensível que a institucionalização até certo ponto cegue, mas acontece que geralmente transforma aquilo que cresceu organicamente em parasita: "O talento que os peritos têm para ver o que esperam ver, ou o que foram ensinados a ver de preferência ao que existe para ver (...) faz observar que tudo é demasiado importante para ser

confiado a peritos profissionais, porque cada organização de tais profissionais e cada organização social estabelecida se torna uma instituição de direitos adquiridos, mais preocupada com seus esforços para manter-se ou promover os próprios interesses do que em realizar o objetivo que a sociedade espera que realize" (1).

1.2. *Allegro con spirito*

Até que parece serem HOMO FABER, HOMO SAPIENS e HOMO LUDENS também instituições.

No entanto, temos de cada um pouco e a faceta predominante tende a abafar as demais. Seria esta a causa para a maneira canhestra como muitos artistas se expressam quando interpelados? Os seus comentários geralmente não são muito mais brilhantes do que aquelas que diariamente vimos e ouvimos sendo extorquidos de craques do futebol. Afinal, o forte de ambos reside na semântica não verbal.

Ou seria o outro lado da medalha: acanhamento provocado pelo *status* momentâneo, pela supremacia desde a invenção de *Gutenberg* dos seus contemporâneos, mestres da semântica verbal?

1.3. *Andante maestoso*

"Além das emoções impulsivas, há duas, maiores, que fazem a arte jorrar:

- uma, congênita, raiz, afirmativa e identificadora;
- outra, circunstancial, contexto, inconformista e inovadora.

Ambas convivem em nós, mas vêm à tona na obra do artista, cuja trama paradoxal em justaposição de fórmulas e experiência, rituais e prospecção, chavões e estalo, reflete a sua época, sua origem, seu mundo, sendo por isto mesmo orgulhosamente única, inimitável, não industrializável, original" (2).

Mas a sua criatividade fenece se não for regada, a cada passo, pelo sumo do senso crítico que continuamente seleciona e rejeita: crivo cuja condição *sine qua non* é a liberdade de expressão e cuja função básica é permitir o fazer arte. Que haja também crítica escrita; é apenas sinal do amadurecimento da vida cultural. E o reflexo crítico concreto ao trabalho previamente cristalizado pelo artista. Ainda aqui a impossibilidade de produzir verbalmente feitos de semântica não-verbal.

Acresce que o aspecto inconformista e inovador da obra perde, com o passar do tempo, a sua brisança, vindo a fundir-se com o outro afirmativo e identificador. O que era revolucionário virou estilo.

Padece, pois, a obra de arte também da síndrome institucionalista. Destituída de sua função imediata de incomodar contemporâneos, resta-lhe ser testemunha viva de épocas passadas, elo histórico.

1.4. *Scherzo*

O inconformismo, atitude crítica oriunda do choque entre a realidade e a universalidade, leva o artista a extremos. Lembremos *Guernica*, de Picasso. Vejamos os quadros de Henrique Oswald Folon e Lênio Braga. Ou o "*diário confessional*" de Oswald de Andrade (3).

"... UMA FILOSOFIA PERENNIS

... As novas categorias
o humor, a vertigem...

... A poesia moderna
o problema central
— a tensão —
como tudo no mundo de
hoje que não pode perder tempo
o comprimido
simultâneo
simultaneísmo

a sensibilidade atual (do homem moderno)
repele todos os
morfes da
estética”.

1.5. *Finale: furioso*

Uma obra destituída de enfoques críticos: é “chocha versalhada” (3). A fase contestatória da *MPB* igualmente sai pela culatra, porque versos verberativos são amenizados e contraditos por melodias típicas de canções de amor, harmonias e formas convencionais, efeitos de luz e roupas circenses.

Aliás, por que *MPB Shell*, pelo menos a sigla *B* até agora saiu perdendo. *P* também está vacilando (onde já se viu juntar os três tocadores de sanfona mais famosos do Brasil e fazê-los tocar um arranjo de “Luar do Sertão” no pior estilo de salão, iniciado pelo coral próprio do canal?). A esta altura, até *M* fica duvidoso. Resta *Shell* e os 5 milhões de prêmios. — Mas perguntemo-nos: onde fica a crítica? Assistimos a tudo isto passivamente, tornando-nos coniventes?

“A poética que se justifica, que atrai, que funciona, que serve é a resultante de um paciente trabalho de domínio de todas as formas de expressão com ela relacionadas. Toda produção só pode subsistir após um trabalho de controle da matéria. Fora disso, o que há são baboseiras, ideológicas ou não, para justificar a própria incompetência” (4).

1.6. *Coda: mesto*

O nosso meio carece de estímulos, a crítica não é fomentada. Predominam soluções estereotipadas (que não são vividas como soluções) e inovações, se as houver, só são consideradas vindas de cima para baixo. A pirâmide invertida: ensino universitário gratuito, ensino pré-universitário pago afetou também a elite: pelo menos até agora a mesma não engajou-se suficientemente quanto a uma melhoria qualitativa da educação e uma guinada para dar maior ênfase à criação, processo e propiciação.

2 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) — QUIGLEY, C. — **A evolução das Civilizações**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- 2) — WIDMER, E. — **Tentativa de refletir e denunciar sobre 12 maneiras equivocadas de encarar-se arte confundindo facetas com aquilo...** Art. 000. Salvador, 1981.
- 3) — ANDRADE, Oswaldo de. — **Diário confessional**; fragmentos 1947/48. São Paulo, Invenção, 1904.
- 4) — COELHO NETO, J. Teixeira. **O Amante e as senhorinhas burguesas**. São Paulo, Federação Paulista de Conjuntos Corais, 1981. (Caderno de Música, 5).
- 5) — Lins, O. — **Do ideal e da glória — Problemas inculturais brasileiros**, São Paulo. Summus, 1977.
- 6) — Gullar, J.R.F. — **O vanguardismo está morto**. In. RECEITA Brasil. São Paulo. Ed. Abril, 1978.